

## Notas e Informações

# A responsabilidade do presidente

Em agosto, o ministro da Fazenda disse a oficiais-generais, no Ministério do Exército, que os funcionários das empresas estatais, especialmente os dos setores estratégicos como energia, finanças, informática e transporte, se haviam dado conta do terrível poder de barganha que tinham nas mãos. Em novembro, as greves nos setores de energia elétrica, petróleo e aço — afora a do Banco do Brasil — vieram comprovar o acerto da análise do sr. Mailson da Nóbrega. Agora, o presidente da República anuncia a próxima vitória do totalitarismo e da revolução socialista, ao mesmo tempo que admite, candidamente, que não poderá efetivar-se a privatização da economia porque não há estabilidade política nem confiança no futuro. "Ninguém — disse s. exa. — vai investir numa situação como essa." No que tem razão, especialmente quando se atenta para a circunstância de que quem diz que a livre iniciativa e a democracia estão em risco é o presidente da República!

É comum dizer-se que os fatos históricos se repetem: na primeira vez, dão-se como tragédia e na segunda, como farsa. Faltaria acrescentar uma terceira vez: *como se repetem no Brasil!* Porque não chega a ser farsa, mas é bem brasileiro o chefe de Estado anunciar a tragédia iminente — a menos que deseje criar clima político de tamanha instabilidade e fuga de capitais que a partir daí tudo se justifique, até as soluções extraleais. Ora, como não se pode atribuir ao chefe de governo tal intenção, não se compreende o motivo pelo qual o sr. José Sarney decidiu declarar a *O Estado*, depois de haver feito saber que pretendia aproximar-se do PT e do PDT, que o totalitarismo petista está à vista. Algo deve ter contribuído para mudar o estado de espírito do sr. José Sarney; terá sido o malogro do sr. Roberto Freire, líder do PCB, em sua missão de aproximação com os partidos hoje dados como adversários da democracia?

É curioso observar que o presidente

da República — que sempre fez questão de creditar a seus esforços pessoais tudo aquilo que de bom aconteceu no Brasil desde 1985 — se exima de qualquer responsabilidade pela próxima entrega do poder aos totalitários: a transição que presidiu acabará levando a caminhos opostos à democracia! O processo no sentido da democracia é obra pessoal de s. exa.; a desgraça que se abaterá sobre a Nação será produto da cegueira do centro democrático e dos liberais!

Não se pode deixar de notar que, preocupado com a falta de estabilidade política e de confiança no futuro — sentimentos inibitórios de qualquer investimento no setor hoje em poder do Estado —, o presidente Sarney não se cansa de hostilizar os empresários. Quem ouviu Lula criticar o empresariado brasileiro e leu as declarações do chefe de governo, notará que coincidem. Para o líder "totalitário", os empresários não são modernos, pois pensam apenas no que é deles; para o sr. José Sarney, os empresários não têm consciência do momento político, porque estão mais preocupados com o lucro imediato! Entre Lula e Sarney, diria um empresário, meu coração balança...

O que é significativo na *advertência séria* que o presidente Sarney fez à Nação é que s. exa. não tocou no problema da inflação. É como se não existisse, como se as Fúrias se tivessem erguido contra os liberais pelo simples fato de o PT existir. Igualmente, não há na entrevista presidencial nenhuma análise séria das razões que determinaram a vitória do PT nas eleições municipais, a qual, voltamos a repetir, *não é tão assustadora como se pinta*. No entanto, se o presidente tivesse a humildade de reconhecer que lhe cabe, enquanto responsável pela política econômica, alguma, por pequena que seja, responsabilidade pela inflação, e que é esse monstro que está ameaçando a democracia (pela esquerda, mas também pela direita, lembremo-nos), seria fácil ao sr.

José Sarney não se assustar com as eleições de 1989. Afinal, se tivesse a coragem política de reformar o Ministério e reunir em torno de si uma plêiade de brasileiros dispostos a arrostar a impopularidade para combater a inflação e o descrédito governamental — *contando, para tanto, com o apoio total e irrestrito do presidente da República* —, não seria difícil chegar a junho próximo, ou mesmo maio, com o clima de pessimismo revertido e a confiança restabelecida. O perigo é a inflação, e a inflação está sem dúvida alguma nas mentes das pessoas que não querem saber de entesourar, mas está sobretudo na incapacidade de o Executivo federal, de os Executivos estaduais e municipais darem sua contribuição para restituir ao povo a dignidade perdida. Se o presidente Sarney fosse mais humilde e reconhecesse sua culpa por muito do que aí está, venceria o complexo de interinidade, esquecer-se-ia de que foi eleito com Tancredo Neves, que foi por longo tempo presidente do partido que sustentou o regime militar, e combateria a inflação. A que mais pode aspirar o sr. José Sarney senão o reconhecimento do povo de que jogou tudo para preservar o poder aquisitivo do salário dos humildes? Que jogou de fato tudo — e não apenas cartas menores, buscando não desagradar governadores que não o toleram, mas cujo apoio ele busca não se sabe bem por quê?

Tranqüilize-se o presidente da República, que o Brasil não será entregue à sanha totalitária. A única hipótese em que pode ocorrer essa catástrofe — no momento em que a União Soviética ensaia com relativo êxito a *perestroika*, e muitos países-satélites cuidam de democratizar-se em termos relativos e o liberalismo varre como onda o mundo todo — é se o País persistir em sua vocação de marchar na contramão da História — em boa parte pela predominância, nos altos escalões, da mentalidade retrógrada do Brasil arcaico!